

55

ROCHA PEIXOTO

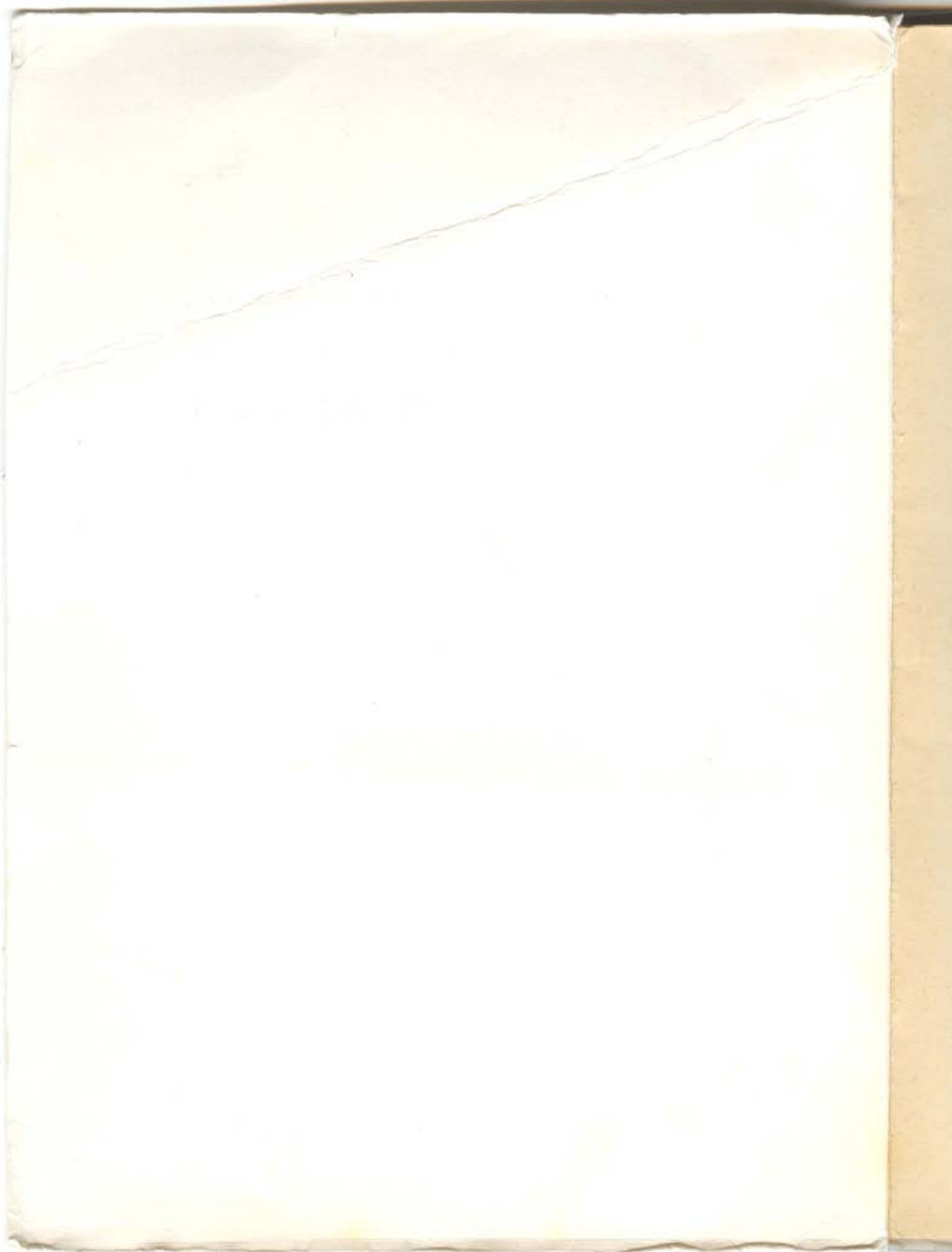
(DEPOIMENTOS E MANUSCRITOS)

SELECCÃO E NOTAS
de
FLÁVIO GONÇALVES

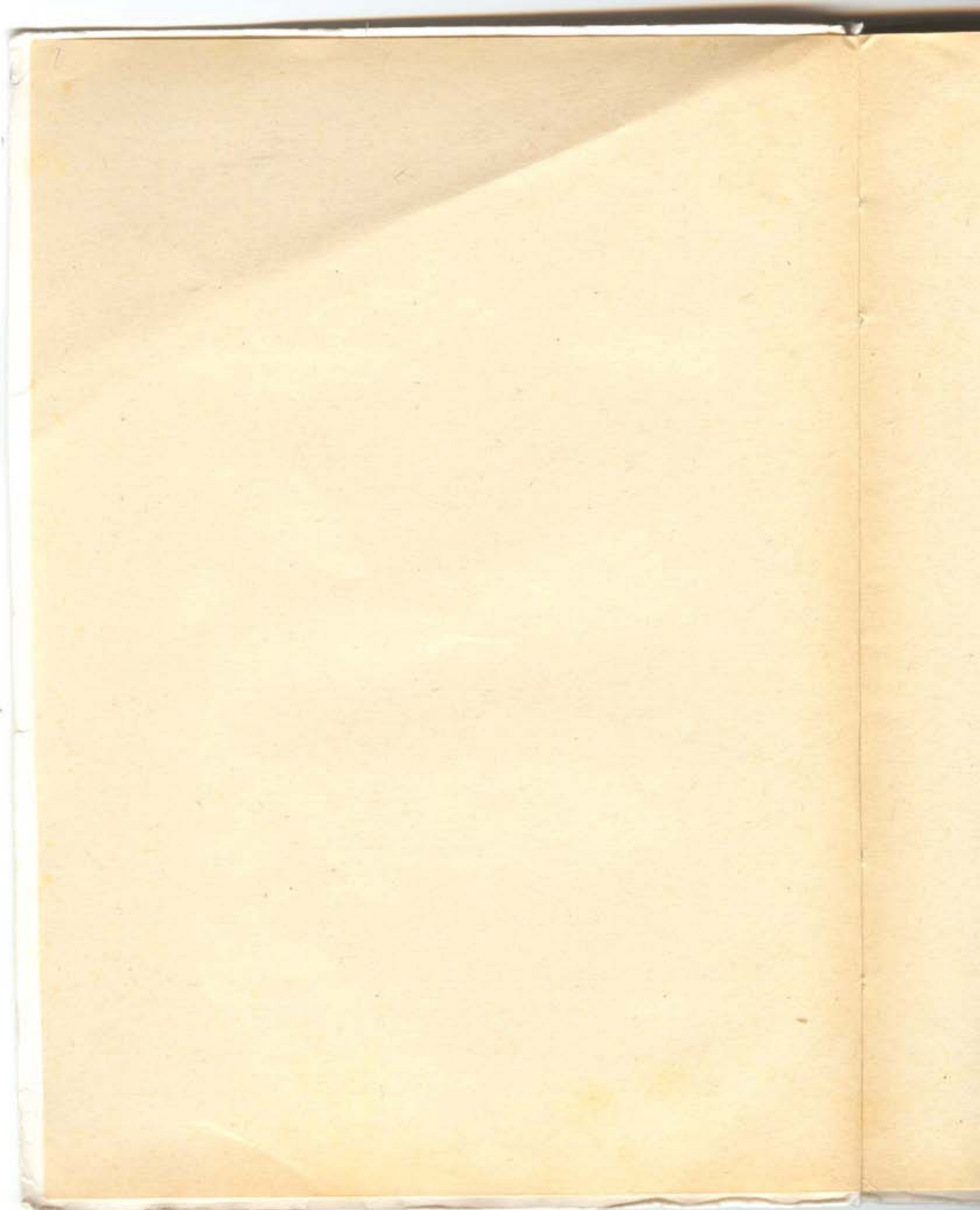
EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL
DE MATOSINHOS

1966





Ex. R. Peixoto
Bibl. passiva



ROCHA PEIXOTO
(DEPOIMENTOS E MANUSCRITOS)

ROCHA FÉIXOTO
DOCUMENTOS E MANUSCRITOS

ROCHA PEIXOTO

(DEPOIMENTOS E MANUSCRITOS)

SELECÇÃO E NOTAS
de
FLÁVIO GONÇALVES

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL
DE MATOSINHOS

1966

CMPV
BIBLIOT. MUN
Data 01.07.91
Num. 24594
Cota

8523

ROCHA PEIXOTO

(RESCINDIDOS E MANUSCRITOS)

SECRETARIA DE JUSTIÇA

RELAÇÃO DE DOCUMENTOS

SECRETARIA DE JUSTIÇA
RELAÇÃO DE DOCUMENTOS

SECRETARIA DE JUSTIÇA
RELAÇÃO DE DOCUMENTOS

ROCHA PEIXOTO

por A. D. [Avelino Dantas?] (*)

Faz um ano em Agosto que, no local da nascente das águas minerais do Peso de Melgaço, encontrei o abalado homem de ciência A. A. da Rocha Peixoto.

Feitos os meus cumprimentos, a que ele correspondeu, risonho, com um acolhedor *viva, amigo*, perguntou-me logo notícias da sua terra, e, em seguida, quis que eu lhe dissesse o motivo que me levava ali. Disse-lho; e como quer que ele visse em mim sintomas de neurastenia, aconselhou-me a que viajasse e visitasse de preferência lugares, onde há muito que admirar e aprender.

Se eu quisesse, ele mesmo me daria o itinerário e diria as obras que eu devia ler, antes de ir, para melhor ver.

Ao tempo estava na pitoresca estância de águas minhotas um considerado médico de Chaves, o Dr. Teixeira de Sousa, com quem Rocha Peixoto falava muito e de que o saudoso extinto me disse gostar pelo seu feitio gracejador e leal de transmontano.

Dias depois apareceram, um quase após outro, primeiro o Dr. Silva Gaio, secretário da Universidade de Coimbra e festejado homem de letras, e, posteriormente, o distinto pintor portuense António Carneiro, que Rocha

(*) Artigo publicado no jornal *Estrella Povoense*, da Póvoa de Varzim, de 23 de Maio de 1909, p. 2.

Peixoto cumulava de atenções, tratando-o como a pessoa de valor e a que se rende culto (*).

Todos os dias, de manhã e à tarde, à hora de tomar as águas, era certo o grupo dos quatro em animada palestra, palestra que só se interrompia para confortar o estômago e para dormir.

(*) Em 24 de Outubro de 1915, por iniciativa do Dr. Eduardo Pimenta, descerrou-se na sala das sessões da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim o retrato de Rocha Peixoto, desenhado a *crayon* por António Carneiro e por este oferecido à Câmara. Presidiu ao acto o Dr. Manuel Monteiro, parente do homenageado e à altura Ministro do Fomento, tendo discursado durante a cerimónia, entre outros, o Dr. David José Alves (Presidente da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim), o P.^o Jerónimo Luís da Costa, o Dr. António Silveira e o Dr. Eduardo Pimenta. Seguiu-se uma imponente romagem ao cemitério, onde foram depostas flores sobre o túmulo em que jaziam os restos mortais de Rocha Peixoto [Vide: Argus — «Em Pochade. Homenagem a Rocha Peixoto», in revista *A Póvoa de Varzim*, ano 4.^o, n.^o 15 (Póvoa de Varzim, segunda quinzena de Maio de 1915), p. 8; — «Rocha Peixoto, in jornal *O Intransigente*, da Póvoa de Varzim, de 21 de Outubro de 1915, p. 3; — «Rocha Peixoto», in *O Liberal*, da Póvoa de Varzim, de 24 de Outubro de 1915, p. 2; — «Rocha Peixoto», in *Estrella Povoense*, da Póvoa de Varzim, de 24 de Outubro de 1915, p. 2; — «Homenagem a Rocha Peixoto», in *A «Propaganda»*, da Póvoa de Varzim, de 28 de Outubro de 1915, p. 1; — «Rocha Peixoto», in *O Intransigente* de 29 de Outubro de 1915, pp. 1-2; — «Rocha Peixoto», in *O Liberal* de 31 de Outubro de 1915, pp. 1-2; «Homenagem a Rocha Peixoto», in *Estrella Povoense* de 31 de Outubro de 1915, pp. 1-2; «Os ecos duma homenagem», in *A «Propaganda»* de 31 de Outubro de 1915, p. 1; — «As grandes manifestações patrióticas! PÓVOA DE VARZIM. Preito de homenagem á memória de seu filho querido — ROCHA PEIXOTO — sábio arqueólogo e etnógrafo português», in revista *A Póvoa de Varzim*, ano 5.^o, n.^o 2 (Póvoa de Varzim, primeira quinzena de Novembro de 1915), pp. 7-8].

Acrescento que o retrato de Rocha Peixoto desenhado por António Carneiro transitou, após 1936, para o *Museu Municipal de Etnografia e História* da Póvoa de Varzim, donde recentemente foi levado para as novas instalações da Biblioteca Municipal da vila, inauguradas, no edifício da Câmara, em 23 de Março de 1966 (quando a Biblioteca passou a denominar-se *Biblioteca Municipal Rocha Peixoto*).

Ordinariamente, quem mais falava era Rocha Peixoto.

Erudito e fluente, dispondo, como se sabe, de uma soma enorme de conhecimentos bem assimilados e, o que não é vulgar em homens de ciência, expondo tudo com muita facilidade e clareza, todos o ouviam com manifesto prazer, e só se separavam quando ele dizia que ficava interrompida a sessão por tantas horas, isto é, o espaço de tempo decorrido desde o almoço até à hora de tomar a água, de tarde, e desde o jantar até o dia seguinte, de manhã cedo.

As vezes a sessão interrompia-se por momentos. Era quando se efectuavam digressões de recreio e de estudo, mas mais de estudo que de recreio, aos templos românicos do concelho de Melgaço e de Monção. Neste: a matriz da vila e a igreja de S. João de Longos Vales; e naquele: a matriz da vila, a igreja de Paderne e a capela de Nossa Senhora da Ourada.

Como é óbvio, essas digressões, de que jamais me esquecerei, eram planeadas pelo insigne português Rocha Peixoto e feitas por ele, os cavalheiros acima citados e pelo autor destas linhas, ao grupo dos quais Rocha Peixoto graciosamente chamava a *Academia*.

Amando o seu país como poucos, Rocha Peixoto todo se deliciava e empenhava em nos interessar pelas nossas coisas de arte, mormente por aquelas que, no dizer do Sr. Dr. Manuel Monteiro, «constituem os testemunhos coevos, solenes e simpáticos do desabrochar da nossa nacionalidade».

Por isso era de ver o carinho e o entusiasmo com que o ilustre homem de ciência preleccionava sobre os característicos do estilo românico nos templos que visitávamos, e a sincera indignação com que ele verberava a obra dos bárbaros restauradores, quando acaso nesses monumentos se lhe deparavam semelhantes provas de

«falta de educação cívica e carência de perfeito sentimento artístico, jamais viçosa e plenamente desenvolvido entre nós por virtude de inúmeras vicissitudes de carácter étnico e político». (M. Monteiro — *S. Pedro de Rates*).

Onde quer que se encontrasse, não deixava o notável cientista de chamar a atenção dos que o rodeavam para o que lhe parecia digno de apreço e de veneração.

Uma vez, no alto do castelo de Melgaço, onde subiu a *Academia* para gozar o lindo panorama que dali se descobre e, sobretudo, para se remontar a uma época em que a força era tudo, Rocha Peixoto, em conversa com dois padres que lá estavam, disse-lhes que eles podiam fazer muito em prol da conservação do nosso «espólio artístico sobrevivente do passado», opondo-se a que as juntas de paróquia, na sua fúria inovadora, ultrajassem, estragando, o que tão digno é de respeito.

Dotado de invulgares faculdades de trabalho e de uma força de vontade inquebrantável, nem mesmo ali, naquela estância, onde os outros vão apenas para fazer a sua cura de águas, o saudoso homem de ciência descansava! Foi lá que ele recolheu parte dos materiais que opulentam o seu precioso trabalho «O Comunismo em Portugal», há pouco publicado no *Primeiro de Janeiro*, e que tão apreciado foi pelos seus admiradores.

Vendo-o, assim, todo votado à sua tarefa de gigante, quem diria que, em menos de um ano, ele sucumbiria ao peso dessa mesma tarefa, que afinal tão demasiada era para a sua compleição!

Ah! como, por vezes, é triste a realidade das coisas! Como é cruel!

Ainda há pouco, nos primeiros dias de Fevereiro, ele me disse em Matosinhos, onde o fui visitar, que era preciso que a *Academia* se reunisse este ano em Melgaço para continuarmos as nossas palestras e as nossas digressões,



Rocha Peixoto com o capote, ou *varino*, que em casa frequentemente envergava.



e nem pelo cérebro me passou a ideia de que era essa a penúltima vez que eu o via vivo!

Infelizmente, foi! Nunca mais, ah! nunca mais, nós os que o amámos e dele recebemos, de contínuo, o santo exemplo da sua vida de trabalho, o pão espiritual do seu enorme talento e as provas inconfundíveis da sua amizade tão grande, teremos o inefável prazer de o ouvir e de sermos guiados e amparados pelo seu formoso espírito de eleição!

Com a sua morte, que se pode considerar uma fatalidade, perdeu a Póvoa de Varzim um filho insigne e prestadio; a arqueologia, a etnologia e a etnografia, especialmente, um desvelado e distintíssimo cultor; a família e os amigos um amparo de valia e uma afeição sincera; e o país um verdadeiro patriota e uma das suas legítimas glórias científicas.

Maio de 1909.

ÍNDICE GERAL

	Págs.
<i>Prefácio</i> , por Flávio Gonçalves	7
<i>Principal bibliografia de Rocha Peixoto</i>	10

DEPOIMENTOS

<i>Era uma vez...</i> , por João Barreira	17
<i>A. A. da Rocha Peixoto</i> , por Joaquim de Araújo	25
<i>Rocha Peixoto</i> , por Augusto Nobre	29
<i>O Rocha Peixoto</i> , por Vasco Ortigão de Sampaio	42
<i>Rocha Peixoto</i> , por A. D. [Avelino Dantas?]	47
<i>Rocha Peixoto</i> , por João de Barros	52
<i>Rocha Peixoto</i> , por Manuel Monteiro	57
<i>Rocha Peixoto</i> , por M. Vieira Natividade	64
<i>Recordação</i> , por José Pinho	71
<i>A. A. da Rocha Peixoto</i> , por António dos Santos Rocha	75
<i>Rocha Peixoto</i> , por Luís de Magalhães	78
<i>Rocha Peixoto</i> , por Júlio Brandão	84
<i>Rocha Peixoto e Ricardo Severo</i> , por Joaquim Costa	90
<i>A Biblioteca Pública do Porto</i> , por J. Pereira de Sampaio (Bruno)	103
[<i>Rocha Peixoto</i>], por Correia Pacheco	109
<i>In Memoriam</i> , por Monsenhor J. Augusto Ferreira	115
<i>Rocha Peixoto</i> , por Pedro Vitorino	119
<i>Rocha Peixoto</i> , por Raul Brandão	123

MANUSCRITOS

<i>Duas cartas de Rocha Peixoto a Santos Rocha</i>	127
<i>Um projecto que Rocha Peixoto não chegou a realizar</i>	138
<i>Rocha Peixoto, coleccionador de arte</i>	152

ÍNDICE DAS ESTAMPAS

	Págs.
<i>Rocha Peixoto na adolescência e na juventude</i>	18-19
<i>Reprodução do rosto do vol. I da Revista de Ciências Naturais e Sociais</i>	23
<i>Ex-Libris de Rocha Peixoto</i>	28
<i>Rocha Peixoto por 1907</i>	34-35
<i>Rocha Peixoto de capote</i>	50-51
<i>Ex-Libris da revista Portugalia</i>	54
<i>Rocha Peixoto, suas irmãs e o Dr. Manuel Monteiro</i>	60-61
<i>Três milagres do Bom Jesus de Matosinhos</i>	70-71
<i>Desenho encontrado no espólio de Rocha Peixoto</i>	73
<i>Cataventos reproduzidos por Rocha Peixoto</i>	81
<i>Rocha Peixoto cerca de 1909</i>	86-87
<i>Reprodução da capa dos fascículos da Portugalia</i>	97
<i>Retrato de Rocha Peixoto feito por Antônio Carneiro</i>	100-101
<i>Dois pratos da colecção Moreira Cabral</i>	110-111
<i>Reprodução das Instruções Regulamentares do antigo Museu Municipal do Porto</i>	114
<i>A casa de Rocha Peixoto em Matosinhos</i>	122-123
<i>Fac-simile de uma carta de Rocha Peixoto</i>	131
<i>Os participantes da expedição antropológica à Figueira da Foz (1898)</i>	134-135
<i>Fac-simile de uma carta de Rocha Peixoto</i>	137
<i>Reprodução do plano manuscrito do Dicionário Popular</i>	145
<i>Contador do século XVIII que pertenceu a Rocha Peixoto</i>	152-153

ACABOU DE SE IMPRIMIR NA EMPRESA INDUSTRIAL GRÁFICA DO PORTO, L.DA NO DIA 25 DE AGOSTO DE 1966



«marânus» - porto